

[Lola e Emma, mais uma história violenta contra as mulheres na internet, por Brenda Fucuta](#)

(Yahoo Mulher, 13/01/2015) Lola Aranovich, 44 anos, é professora da Universidade Federal do Ceará. Nos últimos meses, vem recebendo o apoio de seguidores do site e da fanpage [Escreva, Lola, Escreva](#), pela série de ameaças que sofre de pessoas que, aparentemente, não suportam feministas. O blog da professora Lola é um blog de autor. Ela opina, diz o que pensa, conta o que acha e comenta grandes e pequenos temas (em geral, femininos).

Emma Holten, 21 anos, dinamarquesa. Nos últimos dias, decidiu veicular, no site [Hysterical Feminisms](#), um ensaio de fotos suas. Projeto de ativismo feminista, o ensaio mostra Emma nua, clicada pela fotógrafa Cecília Bodker. Emma foi vítima de pornô vingança há quatro anos, quando fotos íntimas dela foram liberadas na internet por um ex-namorado. Com as fotos do ensaio, ela tenta resgatar a propriedade sobre sua nudez e sobre seu corpo.

O que as duas têm em comum? Lola, que inclusive já escreveu sobre pornografia de revanche, ou pornô-vingança, e Emma são duas mulheres vítimas de violência online. Uma é esculachada verbalmente (Lola), a outra foi humilhada pela exposição de sua intimidade (Emma). Num momento tão crítico, em que discutimos liberdade de expressão e terrorismo, a internet vem se transformando num cenário de bullying pesado contra as mulheres. Porn revenge e assédio virtual são instrumentos cortantes. Deixam cicatrizes feias.

O pesadelo não está tão distante assim. Mesmo não sendo uma atriz da Globo ou de Holywood, cujas fotos íntimas costumam ser liberadas por hackers, numa reedição do clássico e violento jogo de poder (“Eu posso invadir e posso divulgar. E vou fazer isso porque posso.”), muitas mulheres e garotas estão chegando ao escritório ou a sala de aula para descobrir que foram transformadas em domínio público. Fotos (nuas, seminuas, de biquíni ou de burca, não importa) feitas na intimidade vazam para os olhos de conhecidos e desconhecidos. Alessandra Ginante, VP de RH da Avon, falou sobre este tipo de cyberataque recentemente, neste blog, ao comentar dados de pesquisa com jovens, do Instituto Avon, sobre violência contra a mulher.

As fronteiras entre o público e o privado estão cada vez mais embaçadas, o que significa que deveríamos ter cuidado com o que deixamos na rede. (Um parêntese: o que acharão nossos filhos, adultos, das fotos que publicamos de sua infância? Tadinhos...) Mas a publicação, não consentida, de fotos ou conversas íntimas, é de uma violência abominável. Não se justifica. Acho que uma das coisas mais perversas numa situação como essa é a reação de grande parte das pessoas, inclusive mulheres, que culpam a vítima e não o violentador. “Ah, mas se ela não tivesse tirado essas fotos....” “Ah, se ela não fosse tão descuidada”. Te lembra alguma coisa?

Acesse no site de origem: [Lola e Emma, mais uma história violenta contra as mulheres na internet, por Brenda Fucuta \(Yahoo Mulher, 13/01/2015\)](#)

[Jornalista que teve fotos íntimas vazadas na web cria ONG para apoiar vítimas do problema](#)

(O Globo, 03/12/2014) A vida da jornalista Rose Leonel virou “um inferno” quando ela teve suas fotos nuas publicadas em 7 milhões de sites pornôfs pelo mundo. Seu ex-namorado disparou 15 mil e-mails com as imagens para os moradores de Maringá, no Paraná. A apresentadora de 44 anos perdeu o emprego de colunista social na cidade, passou a ser humilhada toda vez que saía de casa, teve depressão, e seu filho mais velho, à época com 11 anos, teve que trocar de escola diversas vezes, antes de, enfim, mudar-se para os Estados Unidos, por não aguentar mais o bullying dos colegas. Hoje, oito anos após o incidente, Rose administra a ONG Marias da Internet, que existe há um ano e ajuda mulheres que foram vítimas da pornografia de vingança (ou “revenge porn”, em inglês). Tendo vivido na pele o problema, ela sabe que é impossível apagar as marcas do crime virtual, mas, ao expor sua experiência pessoal, busca confortar as moças assustadas.

- Lembro que meu telefone não parava de tocar, porque ele também tinha divulgado minhas informações pessoais na rede. Homens do Brasil inteiro me ligavam propondo programas ou só para me ridicularizar. Abriu-se um buraco debaixo dos meus pés, e eu caí de cara nele. Nem meu filho aguentou a pressão, e precisei mandá-lo para fora do país para ele ter alguma chance de crescer saudável - recorda Rose, que, depois de alguns meses, reuniu as forças que restaram para processar o ex-namorado e começar o projeto da ONG. - A sociedade vilaniza a vítima, e não o criminoso. Coloquei na minha cabeça que não vou ser punida por ser a vítima.

SEM INDENIZAÇÃO ATÉ HOJE

Como mora no interior do Paraná, onde não há muitos especialistas nesse tipo de crime, ela precisou contratar um advogado de São Paulo para cuidar do caso. Em 2010, o ex foi condenado a um ano e 11 meses de prisão por difamação, além de ter que pagar R\$ 30 mil por danos morais, mas recorreu da decisão. Por isso, até hoje Rose não recebeu a indenização.

- O valor é irrisório. Gastei R\$ 28 mil só para mover o processo - diz a jornalista. - Não existe valor que pague os danos que sofri. Esse crime deveria ser considerado hediondo, porque rouba a vida da pessoa: a identidade, os amigos, a autoestima, a saúde psicológica, a carreira, a vida amorosa... Sofri um assassinato real, embora o crime tenha ocorrido no mundo virtual. Ainda sofro preconceito todos os dias.

Rose acredita que, até que sejam criadas leis específicas para punir esse tipo de crime, o número de casos só vai aumentar. Ela apoia o Projeto de Lei 6.630 de 2013, criado pelo deputado federal Romário (PSB-RJ), segundo o qual o acusado poderá pegar pena de até três anos de prisão e deverá indenizar a vítima por seus gastos com mudança de casa e de escola, tratamentos médicos, psicológicos e perda de emprego.

- Nós, mulheres, precisamos lutar pela aprovação dessa lei, porque esse é um crime de gênero.

Quando imagens íntimas de homens caem na web, eles não são demitidos ou humilhados. Pelo contrário, passam a ser valorizados pela sua virilidade. A sociedade só condena as mulheres - opina.

FOTOS NUAS: AMPLA CIRCULAÇÃO

Rose contará sua história hoje no Fórum Fale Sem Medo, em São Paulo, idealizado pelos institutos Avon e Data Popular. No evento será divulgada a pesquisa "Violência doméstica: os jovens estão ligados?", feita com 2.046 pessoas de 16 a 24 anos, das cinco regiões do Brasil. O levantamento, realizado por meio de um questionário on-line, mostrou que 47% das mulheres e 59% dos homens já receberam fotos ou vídeos de mulheres nuas desconhecidas. O índice é um pouco mais baixo quando se trata de imagens de mulheres conhecidas: 32% das moças e 41% dos rapazes já receberam esse tipo de conteúdo. Os números mostram que as mulheres, além de vítimas, também participam da rede, mesmo que passivamente, ao receber imagens de outras.

- Muitas mulheres julgam as outras e dizem: "Eu nunca faria isso". Mas elas precisam entender que quem colocou a vítima naquela situação foi o ex-companheiro. Ele é que deve ser punido - ressalta Rose.

A ONG administrada pela paranaense, por enquanto, funciona exclusivamente pela internet e disponibiliza profissionais especializados em crimes virtuais: advogados, peritos digitais e psicólogos, todos voluntários, que prestam assistência às moças. Elas podem entrar em contato com o time por meio do site Marias da Internet (mariasdainternet.org) ou pelo Facebook. Os voluntários da entidade também visitam escolas a fim de alertar sobre as consequências da cibervingança.

Com a ajuda do Instituto Brasileiro de Direito Eletrônico, o órgão, em breve, aumentará sua rede de advogados gratuitos e terá profissionais credenciados em todos os estados.

Marina Cohen

Acesse o PDF: [*Jornalista que teve fotos íntimas vazadas na web cria ONG para apoiar vítimas do problema \(O Globo, 03/12/2014\)*](#)

Hackers usam tecnologia para combater violência contra a mulher

(Câmara Notícias, 25/11/2014) Hackers, programadores e especialistas em assuntos relacionados a gênero começaram nesta terça-feira (25) a trabalhar efetivamente nos 22 aplicativos que vão usar tecnologias digitais para traduzir dados públicos de maneira útil e acessível a qualquer pessoa.

Reunidos no Salão Branco da Câmara dos Deputados, eles participam da 2ª edição do Hackathon - espécie de maratona colaborativa que desafia desenvolvedores de soluções

digitais. Neste ano, os 47 participantes deverão criar aplicativos para ampliar a transparência de dados públicos sobre “violência contra a mulher” e sobre “políticas públicas de gênero e cidadania”.

Uma dos projetos de aplicativo, por exemplo, pretende fornecer informações úteis sobre a violência obstétrica, que envolve agressões físicas ou emocionais de gestantes por parte dos profissionais da área da saúde.

“Nosso objetivo é criar um aplicativo para celular que permita às mulheres se informar sobre o que é a violência obstétrica, como se proteger e também para incentivar o parto humanizado”, explica a Marcela Oliveira, que veio de Maceió para participar do Hackthon. Segundo ela, a ferramenta vai funcionar como uma espécie de rede social, permitindo que as próprias mulheres possam compartilhar informações e experiências com outras gestantes.

Especialistas

Coordenador do evento, Cristiano Ferri destaca que a novidade da edição deste ano é a participação de especialistas de outras áreas, como sociólogos e antropólogos, que já pensam e discutem a questão de gênero. “Como esses jovens são especialistas em questões de gênero e dominam as mágicas da tecnologia muito bem, vão conseguir facilitar a compreensão de dados importantes utilizando aplicativos e até jogos”, disse.

Para a coordenadora de Acesso à Justiça e Combate à Violência da Secretaria de Direitos da Mulher da Presidência da República, Aline Yamamoto, eventos como o Hackathon podem resultar em ferramentas importantes no combate a problemas sérios, como a violência contra a mulher.

“Essa iniciativa de aplicativo cria uma rede de apoio às mulheres e é uma forma de mostrar como podem buscar seus direitos e quais são os serviços que podem atendê-las nas áreas de saúde, justiça e assistência social”, apontou. Segundo Yamamoto, o Brasil ocupa atualmente a 7ª posição no ranking de países com maior número de assassinatos e mortes violentas de mulheres.

Tecnologia

A deputada Rosane Ferreira (PV-PR) defendeu o potencial das tecnologias digitais como meios de acesso à informação. “Hoje não dá para dispensar a linguagem da internet. É uma linguagem universal, que permeia todas as classes sociais. É mais um instrumento de enfrentamento contra a violência de gênero e contra a violência doméstica que assolam o nosso País”, afirmou.

Outro aplicativo em desenvolvimento nesta semana é o Myrthes, que cria uma rede social para troca de informações entre mulheres vítimas de violência e advogados. Conforme Mônica Monteiro, que participa do grupo responsável pelo aplicativo, a ideia é que as mulheres possam tirar dúvidas e se orientar sobre o que fazer caso a caso. “O objetivo é instruir as mulheres para incentivá-las a criar o hábito de denunciar”, apontou.

Mônica Monteiro acrescentou que o grupo estuda parcerias com universidades e com advogados que já são engajados na defesa dos direitos da mulher.

O Hackthon se encerra na sexta-feira (28) e vai premiar os autores dos dois projetos vencedores com passagem e hospedagem para participar de um encontro sobre projetos de Democracia Digital na sede do Banco Mundial, em Washington, nos Estados Unidos.

Murilo Souza

Acesse no site de origem: [Hackers usam tecnologia para combater violência contra a mulher \(Câmara Notícias, 25/11/2014\)](#)

[Japão é primeiro país a criminalizar divulgação de material pornográfico de ex-parceiros](#)

(Opera Mundi, 19/11/2014) Parlamento do país asiático aprovou projeto de lei que pune com multa e até três anos de prisão para quem praticar “vingança pornô”. Previsto para ser promulgado nesta semana, o projeto punirá quem divulgar material pornográfico (fotos ou vídeos) de ex-companheiras ou ex-parceiros com multa de até 500 mil ienes (R\$ 11 mil) e prisão de até três anos. Além disso, exige-se também que os provedores de internet eliminem, no prazo de dois dias, os conteúdos de teor sexual na rede.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Japão é primeiro país a criminalizar divulgação de material pornográfico de ex-parceiros \(Opera Mundi, 19/11/2014\)](#)

[Comissão da Câmara aprova punição para quem divulgar vídeos e fotos íntimas na internet](#)

(Câmara dos Deputados, 05/11/2014) A Comissão de Seguridade Social e Família aprovou nesta quarta-feira (5) proposta que altera o Código Penal (Decreto-Lei 2.848/40) para tipificar o crime de exposição pública da intimidade sexual. “A principal distinção entre o crime previsto na Lei de Crimes Cibernéticos, conhecida como ‘Lei Carolina Dieckmann’, e o crime que se pretende punir agora é que na invasão de dispositivo informático alheio, a informação (ou imagem) é furtada da vítima, enquanto que no caso presente a imagem é tomada com ou sem o consentimento da vítima”, explicou o relator da lei deputado Dr. Rosinha.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Comissão da Câmara aprova punição](#)

[para quem divulgar vídeos e fotos íntimas na internet \(Câmara dos Deputados, 05/11/2014\)](#)

Cresce o número de mulheres vítimas da divulgação de imagens íntimas na internet

(CBN, 15/09/2014) A ONG SafeNet, pela proteção de dados divulgados na internet, já registrou em 2014 mais que o triplo de atendimentos a casos de ‘pornografia de vingança’. Vítimas reclamam da punição branda que conseguem na Justiça. No entanto, a violência psicológica e virtual pode ser enquadrada nos preceitos da Lei Maria da Penha.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Cresce o número de mulheres vítimas da divulgação de imagens íntimas na internet \(CBN, 15/09/2014\)](#)

Homem que fez ‘vingança pornô’ com ex em Minas Gerais tem multa reduzida em 95%

(G1, 10/07/2014) Rapaz espalhou fotos da ex-namorada nua para familiares e colegas. Juiz diminuiu de R\$ 100 mil para R\$ 5 mil a indenização por danos morais

Uma mulher teve fotos íntimas divulgadas por um ex-parceiro, em mais um caso de “vingança pornográfica”. O caso foi parar na Justiça, que, na primeira instância, puniu o homem com uma multa de R\$ 100 mil. Na segunda instância, porém, um desembargador não só reduziu a pena em 95%, para R\$ 5 mil, mas também disse que e a vítima “demonstra não ter ela amor-próprio e autoestima”.

“Quem ousa posar daquela forma e naquelas circunstâncias tem um conceito moral diferenciado, liberal. Dela não cuida. Irrelevantes para avaliação moral as ofertas modernas, virtuais, de exibição do corpo nu. A exposição do nu em frente a uma webcam é o mesmo que estar em público”, afirmou o desembargador Francisco Batista de Abreu, da 16ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, em seu voto sobre o caso. O acórdão foi publicado em 24 de junho.

Ele seguiu o voto do relator do caso, desembargador José Marcos Rodrigues Vieira, que considerou o ex-namorado culpado, mas pediu redução da indenização aplicada a ele por danos morais para R\$ 75 mil. “Isentar o réu de responsabilidades pelo ato da autora significaria, neste contexto, punir a vítima”, afirmou, em seu voto. Abreu, porém, foi além. Sugeriu multa de apenas R\$ 5 mil e reprovou a conduta da moça.

O caso ocorreu em maio de 2007. Na época, Rubyene Oliveira Borges e Fernando Ruas Machado Filho haviam terminado um namoro a distância de cerca de um ano. Ela morava em Uberaba e ele, em Uberlândia. Mesmo após o término, eles mantiveram contato por meio de ferramentas de bate-papo na internet, como o MSN, chat da Microsoft aposentado em 2013 para dar lugar ao Skype.

Entre uma mensagem e outra, o ex-casal trocava fotos íntimas –feitas com uma webcam, as imagens de Rubyene mostravam a jovem, segundo descreve o desembargador Abreu, em posições ginecológicas. Segundo a Justiça, as imagens geradas por Machado a partir da transmissão via webcam e mostradas a parentes e a colegas da faculdade dele.

“As fotos em momento algum foram sensuais. As fotos em posições ginecológicas que exibem a mais absoluta intimidade da mulher não são sensuais. Fotos sensuais são exibíveis, não agridem e não assustam [...] São poses para um quarto fechado, no escuro, ainda que para um namorado, mas verdadeiro. Não para um ex-namorado por um curto período de um ano. Não para ex-namorado de um namoro de ano. Não foram fotos tiradas em momento íntimo de um casal ainda que namorados. E não vale afirmar quebra de confiança. O namoro foi curto e a distância. Passageiro. Nada sério”, afirmou o desembargador Francisco Batista de Abreu.

“Mas, de qualquer forma, e apesar de tudo isso, essas fotos talvez não fossem para divulgação. A imagem da autora na sua forma grosseira demonstra não ter ela amor-próprio e autoestima.”

Acesse no site de origem: [Justiça reduz multa de homem que fez 'vingança pornô' com ex em 95% \(G1, 10/07/2014\)](#)